

Universidade Federal de São João del-Rei

Departamento de Artes da Cena-DEACE

Zilvan Lima

FAZENDO MACUMBA COM PAULO FREIRE

Por um corpo Ubuntu, por uma experiência libertária

Trabalho de Conclusão de Curso –
apresentado ao Prof. Dr Alberto
Tibaji, do curso de Teatro
(Licenciatura) Departamento de
Artes da Cena-DEACE, da
Universidade Federal de São João
del-Rei.

Dezembro/ 2019

Agradecimento

Na última conversa que tive com meu Orientador, ele disse de como precisamos nos infiltrar nos espaços. Disse que precisamos nos infiltrar como água, deslizando nas arestas. Seus olhos brilhavam esse dizer, eu acreditei. Quando escrevo sobre isso agora, ainda vejo seus olhos azuis brilhando o que diziam. Pergunto-me quantos outros olhos me brilharam verdades que levo comigo. Quantos encontros construíram o ser que todo pensamento espelho me reflete. Há pouco, ouvindo por mídia da internet o conto *Olhos Rasos D'água*, pela voz da própria Conceição Evaristo (autora do conto), me senti abraçado por esse olhar. Esse conto é um presente do olhar amor de mãe. Marilene Pereira da Silva, sem seu suporte em todos os âmbitos da minha vida, nenhuma trajetória seria possível. Até mesmo o sorriso dela era de olho Raso D'água. Espero que hoje esse banhar seus olhos seja de orgulho. Meus olhos também se banham em memórias dos seus afagos todos, se banham em memórias do seu amor. Os olhos da minha coorientadora, Rosana Machado, que acreditaram em potencialidades que não tinham a minha fé, e foram suporte fundamental durante minha trajetória na graduação.

Eu sei que minha presença na área das artes, da pesquisa, é um presente de resistência de todos olhares que vieram antes. Olhares que sinto pela presença dos Orixás, e tento construir o melhor em mim pelo presente deles. Eu sou um constante movimento com todas essas memórias que lutam pela liberdade dos seus. Feito água, deslizo por essas memórias que vão moldando o melhor ser em minhas ações. Que a presença de todos que vieram antes de mim, de todos que estão ao meu lado hoje, sejam presenças que brilhem conselhos em caminho liberdade.

Gratidão

Introdução

Ao corpo negro foi negada a humanidade. Corpo construído para ser objeto parte de um processo de produção. A necessidade de mão de obra barata apoiou-se em discursos políticos, religiosos, científico e vem se desdobrando ao longo tempo. Discursos que são perpetuados em ações cotidianas e por isso se mantêm presentes em nossa cultura, são base da estrutura de um diálogo de opressão. À construção social que pretende legitimar a supremacia do opressor sobre o oprimido, Paulo Freire (1987) dá o nome de *ser menos*, o racismo, portanto se enquadra nesse processo de subjugação dos sujeitos, estando no nosso meio social como estrutura.

Sendo parte da constituição dos sujeitos, negros ou não, o racismo é um discurso presente em nossa forma de agir, falar, pensar. O racismo é corpo, é presentificado em discursos que perpetuamos em nossas ações. Uma postura antirracista precisa também ser exercitada, condicionada, difundida. Durante a experiência da oficina, foi evidente como a memória do culto aos Orixás pode propiciar um olhar positivado (*ser mais*) à cultura, história, pensar, agir e ser negro. Oferecendo a negros e brancos referências para uma postura antirracista.

Também foi evidente no decorrer da pesquisa como o ensino das danças, toques, cantigas e itans dos Orixás, tendo como referência o processo de ensino dentro dos Ilê Axés¹, oferecem ferramentas para uma educação libertária, apoiada na experiência, na criticidade. O exercício de uma postura antirracista é também um exercício de humanização, um dos objetivos da *Pedagogia do Oprimido* (1987) apresentada por Paulo Freire (1987). Com prática apoiada principalmente nos conceitos de *ser menos*, *ser mais*, *criticidade*² e na ética

¹ Ilê Axé é como são chamadas as casas de culto aos Orixás. Na voz dos meus mais velhos, Ilê é casa, o significado mais potente de axé que eu ouvi foi - eu consigo com a minha força e a força dos meus ancestrais.

² No livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), são conceitos inseridos na discussão da dialética oprimido- opressor, na qual o discurso legitima o poder do primeiro sobre o segundo, a esse processo que constrói uma narrativa

Ubuntu apontada por Mogobe B Ramose (2002), a experiência mostra possibilidades de uma educação libertária.

Ser Menos, Tradição dos Orixás, Caminho para ser mais

Desde ponto de vista, temos vivenciado que o universo simbólico e mítico próprio da Tradição dos Orixás expressa conhecimentos da natureza, acumulados desde os primórdios da civilização, e que, realizados no mundo contemporâneo, possibilitam, cada vez mais, uma renovação da existência e a expansão da vida. Essa contribuição filosófica mostra-nos a importância de que somos, de nos fazermos cientes da realidade circundante. (Santos, Inaicyra, p.134.)

Partindo do princípio de que a dança no contexto das celebrações do candomblé presentifica toda uma cosmologia, ensinar as danças é também compartilhar uma visão do mundo.

Se por um lado a relação do povo brasileiro com as religiões de matriz africana evidencia uma série de construções sociais, explícitas em atos de intolerância religiosa, racismo religioso, por outro, no instante da performance e ensino dessas mesmas manifestações culturais, encontramos estratégias para a desconstrução de tais ideias preconcebidas. A oficina propiciou a experiência que teve por objeto refletir sobre quais são as questões filosóficas que perpassam a dança dos Orixás, trajetórias de terreiros e filhos de santo no Brasil, para dessa forma, ao compartilhar as danças, também compartilhar com os participantes da oficina estratégias de resistência. Oferecer referências de negros que seguem resistindo ao constante projeto de objetificação do sujeito.

pejorativa sobre o oprimido, Paulo Freire dá o nome *ser menos*. A narrativa que valorize a humanidade, as potencialidades desse corpo subalternizado, seria o ser mais. Tais conceitos serão desdobrados no decorrer do texto.

Nessa busca por um processo de ensino libertador, a experiência busca referência na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, bem como nas questões filosóficas, culturais, históricas, que o candomblé presentifica. O terreiro fala de corpos em relação, corpos que mesmo distintos, se influenciam de forma mútua, para um maior desdobramento dessa dinâmica de relações, o texto que segue busca referência na ética Ubuntu pela perspectiva de Mogobe B. Ramose (2002).

No terreiro de candomblé, entre folhas, cantigas, toques, danças, itans³, o corpo tece em si a memória de negros. Celebrando a vida que pulsa sendo axé em toda matéria, a voz, sopro de vida e experiência dos mais velhos, compartilha as vivências, fazendo dos passos dos mais velhos possibilidades dos meus. Assim, todo instante no terreiro presentifica a trajetória de negros africanos, negros escravizados no Brasil, negros libertos, presentifica a necessidade de uma constante busca de re-existência. Corpos que sobrevivem a um constante processo de objetificação, se banham no passado constantemente ressignificado pela voz cansada e forte dos responsáveis pela perpetuação da tradição. Tradição que presentifica a memória viva de negros que, mesmo não tendo sequer uma roupa de veste, ajudaram a tecer o que hoje chamamos Brasil. Sendo a principal mão de obra, sendo referência na fala, em modos de produção agrícola, mineradora, pecuária, entre outras formas de produção. Em cada ato, dança, toque, instante de celebração dos terreiros, é possível ver o relampejar da presença forte que se legitimou pelas técnicas de produção que detinha, pela história de seus reinos, em constantes revoltas, adaptações, apropriações, mesmo quando a resistência do negro não tingiu de sangue branco o chão, era (é) um grito constante de - não - ao processo de desumanização que pretende legitimar a subjugação.

Paulo Freire (1987) nos diz de como o processo de objetificação do sujeito desumaniza oprimidos e opressores, e de como a busca por *ser mais* dos oprimidos pode vir a ser um caminho para tecer a liberdade de ambos num processo mútuo de humanização. Mesmo sendo na trajetória do nosso país a mão de obra negra a principal força de produção, o negro ainda se vê atado a uma série de limitações sociais. Levando no preto da pele as sombras da escravidão, as relações de todo negro no Brasil são perpassadas por discursos que legitimam sua inferioridade – o racismo. A esse processo de subjugação do sujeito no qual o opressor declara sua superioridade sobre o oprimido deslegitimando todo e qualquer traço que faça parte da identidade de determinado grupo, Paulo Freire (1987) dá o nome de *ser menos*.

³ Como são chamados os contos, mitos, lendas, histórias, dos Orixás. Dentro da cultura de terreiro, os Itans têm a função de resguardar os fundamentos da religião.

O racismo portanto, é uma das estratégias de subjugação de sujeitos, tem por objetivo legitimar e manter uma relação de opressão ao povo negro. Relação que vem sendo difundida, faz parte da estrutura social do Brasil. A população negra corresponde à maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios, de acordo com informações do Atlas da Violência 2017, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O Brasil abriga a quarta maior população prisional do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, da China e da Rússia. Tratam-se de 622 mil brasileiros privados de liberdade, mais de 300 presos para cada 100 mil habitantes. Mais da metade (61,6%) são pretos e pardos, revela o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen). Só 10% dos livros brasileiros publicados entre 1965 e 2014 foram escritos por autores negros, afirma pesquisa da Universidade de Brasília (UnB) que também analisou os personagens retratados pela literatura nacional: 60% dos protagonistas são homens e 80% deles, brancos. Segundo o IBGE, o salário de brancos é 82% maior que o dos negros. Os dados podem ser desdobrados para outros âmbitos da vida, da solidão da mulher negra ao acesso ao ensino superior. A vida do negro brasileiro ainda é marcada por mais de três séculos de escravidão e pela política de eugenia, são sombras do passado presentificadas em ações racistas cotidianas, normalizadas, instituições que também têm sua estrutura marcada por leitura racial. Por ser parte da nossa estrutura cultural, faz parte da nossa percepção do mundo, o racismo faz parte do ser do povo brasileiro⁴.

O negro, sendo a principal mão de obra na estruturação do que hoje chamamos Brasil, deveria ter acesso a todos os bens de que seus antepassados fomentaram a construção!

Mesmo a resposta a essa afirmativa estando muito fora da realidade que nos cerca, devido à cultura de opressão que construímos e mantemos, o fato é que o negro no Brasil busca, há séculos, estratégias de resistência. Estratégias que são evidentes em manifestações culturais distintas como samba de roda, coco, maracatu, umbanda, frevo, jongo, congado, candomblé, entre inúmeras outras. Manifestações culturais que sofrem constantes agressões alimentadas pela falta de conhecimento e necessidade de subjugação que se apoia no apagamento da cultura, história, filosofia, ser negro.

Dançando a memória viva que pulsa a constante necessidade de resistência de negros, a oficina tornou evidente questões raciais e compartilhou estratégias de resistência

⁴Esse diálogo sobre a dialética de poder que tem como base a raça poderia ser desdobrado para outras regiões, todas tendo como fundo a ideia do que é ser negro e negritude. No texto que segue teremos como foco o diálogo no Brasil.

estabelecidas pelo povo de terreiro, bem como, a partir do processo de ensino das danças dentro das casas de candomblé, buscou referência para um processo de ensino que prime pela experiência, que perpassasse sentidos diversos do corpo. Compartilhar a experiência de terreiro é compartilhar uma relação com o mundo mantida a constante resistência por negros no Brasil. Relação com o mundo que pode vir a fazer lógica, no corpo, uma filosofia de vida sustentável, saudável, em que o sujeito se perceba enquanto parte - todo de uma comunidade. O ensino no terreiro é perpassado por cantigas, toques, danças, lendas, sabores, cheiros, texturas, temperaturas, cores, atenção à materialidade das coisas que pretende falar na sensibilidade do sujeito para além de uma lógica cartesiana, platônica. O ensino no terreiro mostra como os elementos que constituem qualquer fenômeno, seja ele do plano material ou ideológico, influenciam-se de forma mútua. Os pensamentos nas casas de culto aos Orixás, têm uma constante atenção à relação que os corpos possam vir a estabelecer entre si. O processo de ensino que pretende fazer viva essa sensibilidade, parte da materialidade com a qual o sujeito se depara no agora e de como ela fala em sua sensibilidade. Essa materialidade pode vir a ser uma oferenda (comidas, ervas, tecidos,) ou mesmo a materialidade do som, seja a voz dos mais velhos, o som de atabaques e cantigas; as cores com suas vibrações, os sabores que dançam na boca. E de como a relação com essas materialidades afeta o sujeito, dessa forma, o iniciado vai reconhecendo suas potencialidades e de que forma pode contribuir na comunidade em que está inserido.

A intolerância religiosa que tem como alvo as religiões de matriz africana, tornam evidente a relação que o povo brasileiro aprendeu a estabelecer com negros e negras e com toda e qualquer cultura de referência afro. Tornam evidente a construção social que deslegitima uma importante referência história e cultural para a formação do povo brasileiro. Tornar as questões evidentes é o primeiro passo para construir uma nova relação entre esses corpos. Aqui falamos de corpos negros e brancos. Lembrando que os dois são alvos do processo de desumanização que tem por meta objetificar o sujeito. Processo que atende a uma cultura de consumo e produção insustentável. Dessa forma, para tornar evidente tais construções e pautar pela liberdade de ambos os corpos, a oficina se apoiou nos conceitos de negritude e branquitude tendo como referência a fala de Fanon (1952).

Esse processo de ensino que prima pela experiência e pelos sentidos, está alinhado à pedagogia de Paulo Freire que prima pela *práxis* e pelo modo como a experiência do sujeito pode ser desdobrada. A oficina partiu da necessidade de estabelecer uma relação entre a pedagogia do oprimido e o processo de ensino nas casas de candomblé, para a partir da

vivência no terreiro, encontrar cominhos para que alunos possam se reconhecer no espaço em que estão inseridos, e exercitar sua *críticidade*. Acredito que, ao praticar a dança dos Orixás com atenção ao trabalho de sensibilidade que ela favorece (pela via de ensino dos terreiros já mencionada), com olhar atento à história de perseguição e resistência que elas presentificam, pode ser um caminho para tomarmos consciência do lugar dado ao negro na nossa sociedade. E pensar a construção social que coloca negros e periferia em lugar de subalternidade, é permitir-se se recolocar nesse mesmo meio, sendo negra, negro, periférico ou não, a meu ver é a esse processo que Paulo Freire (1987) chama *críticidade*. E as mesmas manifestações culturais que sofrem intolerância, oferecem no instante da sua performance e no seu processo de ensino, estratégias de humanização que possibilitam veredas para uma construção social igualitária.

Corpos em relação, corpo Ubuntu

A beleza cuidado, fazeres desvelados, exercitando o sonhar

A oficina foi compartilhada em duas cidades, sendo Conselheiro Lafaiete - MG no dia 1/9/2019 e Congonhas - MG nos dias 5/10/2019 e 6/10/2019. Entre dinâmicas de corpo e danças, a oficina compartilhou a dança de Exu, Ogum, Oxossi, Oxum, Ossain, Obaluaiê, Iemanjá, Xangô⁵, Oxalá. No texto segue a descrição do trabalho realizado a partir do *exercício do bastão*, da dança de Exu, Ogum, Oxossi, Oxum, pois as experiências suscitam as principais questões da oficina.

Bastão – Somos Constante Movimento

Os participantes, em círculo, seguram um bastão cada um. O objetivo do jogo é deixar o bastão o mais centrado possível e dar um passo para o lado direito (ou esquerdo-todos para o mesmo lado). Os participantes seguem andando em círculo e os bastões permanecem em seus lugares.

⁵ Ossain é o Orixá que rege as folhas, sua seiva, fazendo de qualquer uma delas venenos e remédios. Obaluaiê é o Orixá dono da terra, encaminha os espíritos para seu plano, é também conhecido como o Orixá Sol. Iemanjá é a rainha da água salgada, movimento primordial feminino que gera a vida.

Nas experiências das oficinas, o jogo dos bastões desempenha o primeiro instante de escuta do corpo do outro. A necessidade de movimento em conjunto, gera a primeira percepção de grupo. Quando eu me movimento, movimento todo um grupo comigo. Toda a oficina segue tendo como constante retomada o ponto que esse exercício faz refletir. O desdobramento da experiência como exercício de uma percepção social é uma necessidade no decorrer do processo. Durante o trabalho, a respiração passa a ser uma só, perceber a presença do outro é o início da empatia. Numa sociedade que desenvolve personalidades apáticas, é necessário propor atividades que prezem pela escuta do corpo do outro. Quando o corpo se movimenta, todos os corpos se movimentam com ele. Quando um corpo negro se movimenta, mais da metade da população do Brasil se movimenta junto. Como dar passos na direção da liberdade do outro? Uma respiração, uma voz, uma escuta, um corpo, ubuntu⁶. É possível sentir o silêncio abraçar os participantes do processo, ser sustentado pela atenção. Alguns olhares focavam o centro da roda, outros a ponta do bastão, aos poucos todos estavam no mesmo estado de atenção, e o jogo seguia. A primeira escuta é - meu corpo é em relação com o seu, nós somos uma relação um com o corpo do outro. Sou porque nós somos, em constante movimento de troca.

Mogobe B Ramose (2002) nos fala da filosofia Ubuntu como o princípio do *ser sendo*, que coloca o corpo como constante movimento, segundo o autor *o movimento é o princípio do ser*. Princípio do ser, em que o agir afeta o agente da ação em uma totalidade, não existindo separação entre o fazer e o fazedor. Totalidade que, em seu entendimento, é inerente à comunidade em que o sujeito se vê inserido: “como o movimento é o princípio do ser-sendo para ubuntu, fazer-fazendo tem precedência sobre o fazer-fazedor sem, ao mesmo tempo, atribuir seja uma separação radical, seja uma oposição irreconciliável entre os dois” (Ramose, 2002, p.4)

Sobre o entendimento de *ser-sendo*, corpos em constante relação que se afetam mutuamente por serem o princípio movimento, e um ideal de segregação, o autor compartilha o seguinte dizer.

A ideia de família faz sentido somente se é entendida como uma espécie de cerca. É a mãe, o pai e o filho. Ninguém fora disso pode reivindicar ser a mãe, o pai ou o filho da mesma forma para exatamente as mesmas pessoas. Também a ideia de comunidade implica em algum tipo de cerca. Assim, o procedimento é nomear, tomar posse e cercar. Isto é o que chamamos raciocínio confinado. Humanos e até mesmo “deus”,

⁶ O termo Ubuntu apresentado no trabalho segue a definição de Mogobe B. Ramose, que apresenta Ubuntu como um princípio ético. O termo será melhor especificado no decorrer do trabalho.

todos seguem o caminho do raciocínio confinado. O problema filosófico não é com o raciocínio confinado em si, mas com a razão e os efeitos da exclusão de outros. A ética ubuntu toma conhecimento disso. Ela resolve o problema da exclusão no raciocínio confinado prescrevendo reconhecimento e respeito mútuos complementado por cuidado e partilha recíprocos (Ramos, 2002, p.9)

Exercitar uma ética, um pensamento *ubuntu*, é pensar/exercitar a empatia. Pensando a totalidade das possíveis relações entre corpos, a ideia de confinamento se esvai, a consciência de que ações perpetuadas afetam outros corpos, exige do sujeito uma maior atenção ao agir. Questões que passam esse instante do trabalho. Eu sou em constante movimento com o outro, nossos corpos são relação, relações. Um movimento meu afeta seu estar no jogo. As indicações seguem no sentido de só movimentar-se quando perceber que o outro está pronto para seguir o movimento do grupo como um todo. O bastão deve ser o mais centrado possível, o que facilita a continuidade do jogo. Corpos em relação, pensamento que é corpo, movimento, cuidado com a continuidade, princípios da cultura de terreiro que aos poucos vão sendo desdobrados pela experiência. Princípios que vão sendo exercício de conduta do encontro.

Na oficina realizada em Conselheiro Lafaiete, ocupamos o Solar do Barão do Suaçuí, espaço que tem sua construção datada do início do século XVIII. Ao grupo da oficina foi atribuído o que seria o porão ou antiga senzala. Fala dita por um visitante da casa que passava pela oficina. No decorrer do encontro, uma banda passou a ensaiar ao nosso lado, depois de uma série de diálogos o grupo seguiu para outra sala do espaço, espaço “nobre” da casa. A constatação do grupo foi - Quando pensamos Ubuntu, saímos do senzala. O entendimento de ação conjunta em prol do movimento positivo para um coletivo, foi, a meu ver, um ganho da experiência. A lógica do exercício foi desdobrada para um entendimento de movimentos sociais. Sim, precisamos agir em conjunto para que possamos sair juntos de todos os espaços subalternizados e esses espaços subalternizados saírem de nós.

Exu

Exu é o mensageiro, princípio da dualidade, do desejo, dono da fome que nunca se finda. Na fala dos meus mais velhos, Exu é inteligência humana. Por isso, não sendo nem



certo e nem errado, nem bom e nem ruim, ele ganha a forma do que você deseja. Exu é a inteligência humana. Exu existe entre os espaços, é capaz de matar um passarinho ontem com uma pedra que só vai atirar amanhã. Ele existe entre os espaços, é a encruzilhada, princípio dos encontros. Entre os Orixás, é um dos mais atacados pela intolerância religiosa. Sincretizado erroneamente com o diabo cristão, Exu acaba sendo o catalizador de uma série de estereótipos pejorativos atribuídos aos negros. Sendo assim, debater sobre a experiência da dança e cantiga de Exu é fazer evidente as agressões de que as religiões de matriz africana são alvo.

Em dados do Disque 100, canal do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foram registrado 213 casos de intolerância a religiões de matriz africana, de janeiro a novembro de 2018. Número 47% maior que 2017, quando foram 145 denúncias recebidas. De 2015 a 2018, foram registradas 360 denúncias de caso de intolerância religiosa, desses 213 (76,7%) são direcionados às religiões de matriz africana. Entre os ataques mais comuns estão agressões verbais e físicas.

Os participantes que não têm proximidade com o culto aos Orixás, logo reproduzem o senso comum tão pejorativo. Exu, é nossa porta de entrada à intolerância religiosa, ao racismo religioso e também o início de um diálogo que tem por objeto desvelar os discursos que alimentam a intolerância religiosa, discurso alimentado (que alimenta) por um *ser menos* do corpo negro. O desafio é desdobrar a percepção pejorativa empregada ao Orixá mensageiro, evidenciar que são conceitos estruturados por uma sociedade racista, eugênica, eurocêntrica, cristã, elitista. O desafio é tornar evidente como esse olhar foi construído no tempo e espaço, e como é sintoma do olhar de uma construção que pretende ver corpos negros em espaços subalternizados da nossa sociedade. Exu nos dá o presente de fazer evidente agressões veladas e inicia o diálogo que pode fazer vivo em nossos corpos uma forma de pensar e agir que não agrida as religiões de matriz africana.

Tornar evidente agressões, desdobrar fala, desvelar preconceitos, esse foi um movimento constante nas duas oficinas.

Outro ponto importante do debate que passa a ser evidenciado, é o princípio da dualidade. Juana Elbein dos Santos (2012), ao falar do orum-ayiê, sendo orum morada dos espíritos, e ayiê, terra, espaço da materialidade. A autora descreve dois planos distintos, mas que se influenciam mutuamente. Os dois não se anulam, muito ao contrário, potencializam sua presença na relação. A perspectiva dos fenômenos que aceita a dualidade é evidente no

culto aos Orixás quando são presentificados por exemplo Logun Edé, Oxumarê, Ossain⁷, que são Orixás masculinos, femininos e são os dois. Todos os Orixás têm em seus traços relação masculino e feminino, mas no caso desses Orixás, a dualidade é uma presença no mesmo ser. O masculino não nega o feminino, muito ao contrário, os dois se potencializam na relação, quanto mais potente o feminino, mais potente o masculino e vice-versa. Nesse princípio existe uma postura de cuidar, respeitar, zelar, pelo dual, oposto. Durante a oficina, o exercício de pensar relação entre corpos distintos, corpos que vemos como opostos, foi um passo importante de empatia dos participantes brancos.

A subjugação se apoia na diferença, homens não são mulheres, brancos não são negros, heterossexuais não são homossexuais, (seguem as oposições) partindo da diferença, determinados grupos legitimam sua superioridade sobre outros. Lembrar que corpos distintos mantêm sim uma relação de troca, durante a oficina, foi uma indagação importante aos participantes brancos. Frantz Fanon (1952), nos aponta o conceito de *branquitude*, construção do *ser branco* relacionado a certeza de privilégios. O artista Fernando Marinho⁸ (2015) em entrevistas constantes, diz de como a constante busca por conforto e privilégio molda as ações dos sujeitos sociais, como essa busca alimenta uma postura apática em relação ao ser de outros. A branquitude fala de privilégios, pertencente a um segmento específico da sociedade (brancos), certeza de privilégio que os fragiliza, ainda segundo Fanon (1952). A ideia de ser da branquitude está relacionada a privilégios e a fragilidade. Numa sociedade em que a busca constante por privilégios molda ações, poucos movimentos são perceptíveis em direção a abrir mão desses espaços, vistos pelos brancos como natos ao ser deles. Para Paulo Freire (1987) essa apatia é falta da humanidade, ou humanidade, que também é uma construção social dada no tempo e espaço, segundo o autor, o opressor também sofre um processo de desumanização. Se existe essa construção de uma apatia por parte dos opressores, cabe então aos oprimidos o movimento que possa vir a romper com essa estrutura social que coloca os mesmos em espaços subalternizados. Processo de ressignificação de um ser, *ser menos*, que pode vir a ser uma luta pela humanização de oprimidos e opressores.

⁷ Logun Edé, é o Orixá filho de Oxosse e Oxum, sendo ele tem uma relação com a mata de Oxossi e com as águas de Oxum. Oxumarê é filho de Nanã, tem como suas formas o arco íris e uma serpente. Ossain é o senhor das folhas, sabendo fazer remédio e veneno de todas elas.

⁸ Fernando Marinho é um artista de rua, suas ideias são compartilhadas em vídeos publicados em diversas redes sociais, segue blog do artista <http://observareabsorver.blogspot.com/>. Sendo nato de um espaço que lhe garantiram uma série de privilégios, Eduardo abriu mão desses espaços e passou a ser morador de rua. Eduardo Marinho é branco, talvez negro não estivesse vivo aos 50 anos, talvez negro não tivesse sido alimentado, abrigado, acolhido. Nesse texto a fala de Eduardo Marinho é presente por ele ser um branco que abriu mão de espaços de privilégios sociais, atitude necessária a uma postura antirracista.

Como agir em direção à liberdade do outro, se nosso ser é ubuntu, que movimento faço em direção à sua liberdade? Durante a oficina foi evidente por parte dos brancos a necessidade de escuta, de usar seus espaços socialmente já dados com uma postura antirracista. Postura que precisa ser constantemente exercitada, dado que são ações e pensamentos condicionados. Uma palavra recorrente no retorno da oficina foi a necessidade de uma *reconstrução do ser*.

Se por um lado a *reconstrução do ser* branco passa pela consciência de privilégio, a do corpo negro é de luta contra espaços de negação. Negação de um passado, de afetos, de espaços sociais, de fazeres, saberes. A luta do negro é por uma sobrevivência banhada em humanidade, existir que nos é negado.

Dança Oxum



Pés descalços no chão, joelhos levemente flexionados, mãos quatro dedos abaixo do umbigo. Estendemos as mãos para a lateral esquerda e direita, alterando a base. Enquanto estende as mãos para lateral, o objetivo é expandir o esterno. Os princípios técnicos da dança Ijejá, dança do Orixá Oxum. Ao corpo negro, é negada a ideia de beleza,

questão que afeta entre muitos âmbitos da vida, as relações afetivas e amorosas, sobre isso Gleide Fragra (2015) escreve no portal Geledés

Enquanto mulher, negra e periférica, eu tenho uma tripla militância didática todo santo dia para ser exercida, ser mulher é ser violentada física ou sexualmente a cada 12 segundos no Brasil, ser negro, é ter 80% de chances de sofrer violência policial (sem precedentes), ser mulher e negra, é sofrer com a estigmatização da minha cultura, da minha aparência, é ter de construir todos os dias a minha autoestima enquanto mulher,

pois eu não sou representada nos principais meios midiáticos, a minha beleza é censurada, tida como algo inexistente, o não normal, o não belo, o não perfeito. E o impacto gerado por essa estigmatização, me atinge em vários níveis; tangíveis e intangíveis, tais como os relacionamentos heterossexuais ou não. (...)

E ainda, ver-se colocada como segunda opção, pois nós mulheres e negras, somos colocadas como as “mulatas de carnaval”, num turismo sexual completamente exacerbado frente a mídia brasileira que nos vende como meras bundas carnavalescas, e isso impactando diretamente nos relacionamentos, faz com que eu esteja colocada no lugar da amante, da ferosa, da “boa de cama”, da “mais quente”, a que desperta desejo, mas nunca amor/paixão. (Fraga, 2015⁹)

Nossa ideia de beleza leva consigo a sombra de 300 anos de escravidão, a sombra do projeto eugenista que foi política pública no Brasil por décadas, nossa ideia de beleza leva consigo a necessidade de reafirmação social numa sociedade racista, eugenista, higienista, elitista. São pensamentos *confinamento*. Oxum banha nossos corpos com sua água doce cuidado. E todo ensinamento da sua dança é ensinar a ver uma beleza que é fruto do cuidar. Com cuidado massageamos os pés para exercitar os apoios nos metatarso e calcanhar, com cuidado a mão massageia o corpo, percebendo volumes, traços, texturas, com cuidado os intans de Oxum são contados ao som do Ijexá (ritmo sacralizado ao Orixá), o corpo desliza seus movimentos. Como a água que desliza leve sobre as pedras, a atenção aos gestos que deslizam leves no espaço, faz uma presença cuidado, beleza que é fruto de cuidar. Nosso primeiro exercício de corpo, parte da ideia de que é preciso cuidar-se, pois esse corpo acumula tensões de um sistema, de uma série de comportamentos, que limitam suas potencialidades.

Essa dança, exercita uma presença ativa, dilatada, exercício necessário a um corpo que aprende a apagar sua presença. Exercitar um olhar de acolhimento ao seu estar no mundo também é uma necessidade do corpo negro. Perceber a beleza para além de um padrão de *branquitude* é um exercício pertinente. Oxum, senhora das águas doces, do ouro, dos bons afetos, afagos, cuidado, dançar sua presença é exercitar um *ser mais*.

⁹ Fraga, Gleide 2015, parágrafo 2 e 4 https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/?gclid=EAlalQobChMIsILpgIKm5glVDA6RCh30twDOEAAYASAAEgKX8PD_BwE

Ogum



Pés, pernas, tronco, centro. Com massagens, sensibilizamos metacarpo (pés), patela, (a massagem é na perna como um todo, mas a patela será durante a explicação de exercício um ponto de atenção), uma massagem também na coluna vertebral. Corpo agora é uma espada, base bem definida e movimento é de cortar. Ogum, é o movimento do fazer, a vontade de brigar, fúria. Richard Schechner, em seus estudos de performance, diz de como as ações

suscitam construções sociais, modelam corpos, dizem de acordos de uma cultura, quando, em seus *movimentos restaurados*, presentificam uma relação com o mundo. A dança de Ogum diz de técnicas vindas para terras do Brasil por negros escravizados, técnicas de cultivo, pecuária, trabalho com metais, técnicas de guerra. Na voz dos Ebomis (irmãos mais velhos) a dança de Ogum é uma tática de guerra. A guerra que Ogum trava nessa escrita, é contra um constante apagamento que nega nossa humanidade. Sobre a mineração, Eduarda França Paiva (2002) nos diz de como os traficantes de escravizados no século XVIII buscavam mão de obra especializada em fazeres específicos necessários na colônia: “esses homens e mulheres africanos, embarcados na Costa de Mina com destino ao Brasil, eram tradicionais conhecedores de técnicas de mineração do ouro e do ferro, além de dominarem antigas técnicas de fundição desses metais. (Paiva, Anastasia 2002, p.187)

Antigos parceiros de comércio dos portugueses, corpos negros, que em seu fazer levavam consigo técnicas acumuladas em séculos de trabalho com metais, negros vindos da região do porto de Mina, principalmente das terras de Ajudá. As mulheres desempenhavam função primordial no trabalho, ocupando espaços importantes do trabalho de extração de ouro no reino Aschanti, atual Gana. Em todo século XVIII, as técnicas de extração de ouro, diamantes e trabalho com metais diversos, impulsionaram a economia da colônia. Sendo parte importante da rotina de produção de ouro, entre outros metais preciosos, o negro pode reconstituir parte de suas memórias, do seu cotidiano em África, agora em terras do Brasil. De certo que, num diálogo entre outras culturas, o ser em África ganha referências novas nesse diálogo. Compartilhar o fazer de negros nas oficinas é desvelar a ideia de “negro escravo”,

para negro escravizado. Não sendo condição natural de negros o lugar de subalternizado (escravo), mas sim uma construção que passa dinâmicas diferentes desse ser (escravizado).

Cada passo da dança dos Orixás, é um relampejar do passado que se faz presente numa cultura de resistência. Vozes de mortos que buscam o sol da história e refletem em seu heliotropismo a minha própria busca por liberdade, das amarras que me fazem escravo. Ogum, sendo a técnica, fazer, é o Orixá que fala da cultura. Referência para desvelar o apagamento que a cultura de matriz africana sofre constantemente. Sendo presentificados em cores, sons, movimentos, corpo, cheiros, sabores, faz viva essa memória nas celebrações. O passado revisto, presentificado, são armaduras que fazem presente um olhar positivado sobre o ser negro.

Oxossi



Entre meus irmãos são presentes duas versões do nascimento de Oxossi. Uma diz dele sendo filho de Ogum e Iemanjá, outra dele ser filho de Opáocá. Opáoca é a jaqueira onde mora o feminino primordial as Iamins, sendo filho do movimento primordial, Oxossi é a busca pelo novo. Entre os membros da sociedade yorubana, cabia aos caçadores escolher o lugar ideal para

uma nova moradia, eram os primeiros a chegar. Sobre o Axé, presença, de Oxossi, meus mais velhos dizem que Oxossi atira a flecha que mata a caça, Ogum abre o caminho com sua espada, depois de construído, esse caminho é de Exú. Quem indica a caminho é Oxossi, ele é a busca pelo novo. Suas contas são da cor azul celeste, cor que indica a imensidão do céu. Os caçadores também são os que proveem, Oxossi está presente no trabalho de quem provê o alimento da família, da comunidade.

Numa sociedade que em sua estrutura consegue definir possíveis espaços a serem ocupados por determinado corpos, os objetivos são moldados de acordo com uma perspectiva de vida já pré-estabelecida pela sociedade. Segundo Silvio de Almeida, as relações e seus padrões de normalidade são pré-estabelecidos pelo racismo. Uma forma de *racionalidade*,

segundo o autor, que nos apresenta o racismo como elemento estruturante da nossa sociedade. Nesse panorama, exercitar um objeto fora das amarras que limitam o agir de jovens negros, é antes de tudo um exercício de ver através. Na fala de Manoel de Barros (1996).

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo

(Barros, 1996, p.75)

Negro, tive na minha trajetória diversos espaços negados apenas pela cor da minha pele. Hoje, ainda na busca de amadurecer uma identidade positivada, mergulho no tom da minha pele, nos meus fenótipos e tento me identificar enquanto sujeito. Essa percepção passa muito por uma leitura de como a sociedade me vê. Percebo minha pele, meus traços, meu cabelo e meu corpo grita uma trajetória índia e negra. Meu pai diz com orgulho dos olhos azuis da minha avó, da sua pele alva. De qualquer forma, o diálogo de tons de pele que fomentaram a minha cor, meu cabelo, meus traços, dizem de uma história de estupro. A narrativa muitas vezes romanceada da bisa que foi caçada a laço, era brava, do mato, são o início de uma trajetória de segregação dos âmbitos mais diversos da vida. Um apagamento histórico turva meu passado, o que afeta diretamente minha perspectiva para a vida. Espaços geográficos negados tentam tangir meus sonhos para um caminho corpo objeto de produção. Acessos, conceitos, afetos, saberes e fazeres negados, são sombras de um processo de desumanização. Nessa busca por uma retomada de humanidade, humanidade, o dia a dia no terreiro cumpre um papel fundamental. Fui sacralizado a Oxossi, e aprendi a me ver aos olhos desse Orixá, revi minhas memórias, minhas ações, passado repaginado que no meu corpo é presença resistir. Hoje, como professor de teatro, acredito que apoiado numa ética que aprendi a exercitar no terreiro e com as ferramentas que o teatro pode me oferecer, posso exercitar um corpo que busque liberdade. Exercitar a sensibilidade e as ações para dar passos em busca da minha liberdade e da liberdade dos outros. Hoje, enquanto profissional, busco no meu fazer um exercício de corpo livre, humano. Oxossi, aponta caminho, por favorecer no meu existir exercício de *transver*.

Oxossi, na oficina abre espaço para se exercitar a imaginação, o ver através, ver além, transver. Exercício que uma sociedade que tem o racismo como parte da sua estrutura nos rouba. Por ser o primeiro a chegar, filho do movimento primordial feminino, Oxossi pode gerar o novo, uma nova busca, uma nova perspectiva de vida. Um novo olhar a si e no mundo.

Considerações Finais

Há a necessidade de compartilhar discursos que valorizam a história, cultura, filosofia negra, africana, afro-brasileira. Para os negros é mais evidente o quanto a propriedade da fala que envolve negritude (nos âmbitos mais distintos do que é essa identidade) é um processo que envolve a percepção do próprio ser em vida. Desvelar discursos construídos, reproduzidos, naturalizados no nosso corpo é uma necessidade de sobrevivência. Depois de lançar uma perspectiva saudável sobre tais ideias que fomentam um ser menos, é vivo no corpo como presença um olhar positivo sobre si mesmo *ser mais*. O sentimento da maioria dos negros que participaram do evento foi de gratidão. Também foi nítida a necessidade de ter posse dessa fala. Se é mais que evidente que a propriedade de tais conceitos, fazeres, afeta de forma muito distinta brancos e negros, também foi evidente a necessidade dos brancos entenderem que suas posturas são construídas no tempo e espaço, não uma situação nata. Existe a necessidade sim do entendimento de como essa construção fragiliza os corpos brancos e a necessidade de uma outra postura. Fanon (1952), ao definir branquitude e negritude, deixa bem evidente como as duas posturas são uma construção, evidencia como são possíveis limitações dos sujeitos.

Tendo as referências da construção da oficina sempre passadas por jogos, de forma lúdica, os conceitos foram sendo compartilhados e incorporados no trabalho a partir da experiência. Falar da ideia de *ser sendo* apontada por Ramose, junto a um jogo que fizesse essa lógica no corpo, possibilita um maior entendimento da experiência como processo cognitivo. A experiência afeta o corpo como um todo, o ser como um todo. Somos relação entre os corpos, meu movimento afeta seu estar, e vice-versa. Nossos corpos são relação. O desdobramento da consciência corpo, partindo de uma perspectiva que também prima pela relação de dimensões desse ser, tendo como gatilho da experiência a dança dos Orixás, possibilita um maior desdobramento de como esses corpos se afetam nessa constante relação.

Oxalá, o Orixá da paz que se veste de branco, moldou os seres humanos, corpo que é memória, passado, expectativa do futuro, é uma construção cultural, social, é um passado presentificado. Oxalá molda um corpo que é relação com o espaço, com os discursos desse

espaço, outros corpos, um corpo que é carne, vísceras, ossos, tecidos, por isso biológico. Oxalá molda um corpo que na sua parte menor é energia, e é relação dinâmica entre todas essas dimensões. Falar da cultura de terreiro é falar de uma percepção de mundo que envolve dimensões distintas, um encontro de vozes e conceitos que fazem presente um perceber o mundo que resistiu a 300 anos de escravidão, a um processo eugenista e constante discriminação, constantes agressões ainda hoje difundidas principalmente pelas igrejas neopentecostais. Experienciar a tradição dos Orixás é experienciar uma cultura de resistência.

Perceber-se aos olhos dessa memória, com atenção a um corpo que é relação entre outros corpos, que é constante relação de troca entre as dimensões que compõem a presença desse corpo, é um presente caminho liberdade. Exercício de *ser mais*. Nas celebrações, o tambor faz despertar um corpo todo, dimensões distintas, mas inerentes, dançam memórias de resistir ao som vindo dos instrumentos musicais das celebrações. Somos relações entre os corpos, nosso corpo é uma relação de dimensões, nosso movimento afeta toda uma cadeia na qual estamos inseridos. Afetamos e somos afetados. São princípios da percepção de mundo exercitada no terreiro. No livro **Os Nagô e a morte**, ao falar de Orum e Aiye, a autora nos deixa bem claro como são espaços distintos, mas que se influenciam mutuamente. Sendo assim Orum, não nega o Ayê, o feminino, não nega o masculino, muito ao contrário, são dinâmicas de energia importantes para o bom desenvolvimento da sociedade (também pensando a sociedade como um todo, inclusive com a presença dos ancestrais). Numa sociedade em que corpos subalternizados têm os discursos que legitimam sua subjugação apoiados numa ideia que se legitima pela diferença (masculino não é feminino, o branco não é negro, o heterossexual não é homossexual, (a dualidade segue) entender que a dualidade existe na relação entre os opostos, que o convívio com o diferente pode ser um caminho para potencializar a identidade, temos aí, uma referência de pensamento libertário.

O principal retorno da oficina, foi a percepção do corpo como espaço de relações, dimensões do corpo, relação entre os corpos, e tendo como princípio uma ética de aceitação da diversidade compartilhada pelos terreiros, como um ideia de cultivo, as reflexões da oficina apontam para ações saudáveis em relações entre os corpos. Grande a satisfação de estar na academia com a consciência de que minha vivência no terreiro contribui para fomentar discussões pertinentes na construção de relações saudáveis, como também para uma percepção epistemológica. Percepção que busca desdobrar um fenômeno vendo nesse relampejar de discursos que falam desse corpo como um todo. Buscar ouvir essas vozes, entender a relação de poder que ela presentifica e ter referência para um agir e pensar que

busca ser liberdade. A dança dos Orixás, por ser presentificação de um discurso de resistência, nos dá referência de resistir, de re- existir.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARROYO, M. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Lugar?: Record, 1996.

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas** Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan.-abr., nº9, p. 20-28 .

CAPETTI, Pedro e CANÔNICO, Marco Aurélio. Denúncias de ataques a religiões de matriz africana sobem. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/denuncias-de-ataques-religioes-de-matriz-africana-sobem-47-no-pais-23400711>, Acesso 9/12/2019.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Alexandre Pomar. Porto: Edição A. Ferreira. 1952.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PAIVA, Eduardo França, ANASTASIA, Carla Maria Junho (org.). **O trabalho mestiço**: maneiras de pensar e formas de viver- século XVI a XIX. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2002.

RAMOS, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

SANTOS, Inacyra Falcão dos. Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte- educação. São Paulo: Terceira Margem, 2006

SCHECHNER, Richard. Performance e antropologia. Seleção de ensaios organizada por Zeca Ligério: [tradução Augusto Rodrigues da Silva Junior...et] –Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.